

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA
LES-0170 INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

ALVARO LUZ ALVES COUTINHO
GUILHERME CIA RODRIGUES
HENRIQUE RACHID GIMENEZ
PEDRO HENRIQUE MORELATO
VITOR ALEXANDRE CANEDO DA SILVA

NICOLAU MAQUIAVEL

Vida, contexto histórico, obras, ideias e influências na
contemporaneidade

PIRACICABA - SP

2017

Biografia

Nicolau Maquiavel nasceu em Florença, Itália, no dia 3 de maio de 1469 e morreu também em Florença, aos 58 anos, no dia 21 de junho de 1527. Maquiavel estava inserido no contexto do Renascimento italiano e viveu durante o governo de Lourenço de Médici.

Seus pais, Bernardo Maquiavel e Bartolomea Nelli, eram de origem Toscana. Seu pai era jurista e tesoureiro de uma província italiana e sua mãe próxima a uma família nobre de Florença. Maquiavel era o terceiro dos quatro filhos do casal.

Embora seus poucos recursos, Maquiavel sempre se interessou pelos estudos. Estudou o latim, árabe e fundamentos da língua grega antiga. Os conceitos da Antiguidade Clássica influenciaram o seu pensamento, principalmente o conceito de virtù e fortuna. Maquiavel tornou-se um importante historiador, diplomata, músico, filósofo e político italiano.

Aos 29 anos de idade, Maquiavel entrou para a política com o cargo de Secretário da Segunda Chancelaria (um dos órgãos auxiliares da Senhoria, encarregado das guerras e política interna). Exercendo esse cargo, durante pouco mais de 14 anos, observou o comportamento de grandes nomes da época e retirou alguns postulados para sua obra.

No ano de 1501, casou-se com Marietta di Luigi Corsim. Dessa relação teve seis filhos.

Em 1512, com o fim da república, perdeu o seu cargo. No ano seguinte foi preso e torturado por conspirar contra a eliminação do cardeal Giovanni de Médici. Posteriormente foi exilado, período no qual se dedicou a escrever suas principais obras. Após esse período o papa Leão X concedeu-lhe anistia e Maquiavel retornou a Florença. Em Florença exerceu alguns cargos importantes, mas abaixo de seu cargo na Segunda Chancelaria.

Por fim, sua morte em Florença, no ano de 1527, se deu devido a uma apendicite. Maquiavel morreu na pobreza e afastado do poder.

Contexto Histórico

Niccolò di Bernardo dei Machiavelli viveu na transição do século XV para o XVI, período com diversas transformações radicais nas estruturas sociais. Em primeiro lugar devemos lembrar que a Idade Média acabara há não muito tempo, tendo ligação direta com a ascensão burguesa, a qual é crucial nas demais mudanças. As movimentações das cruzadas permitiram o surgimento de rotas comerciais e feiras, que possibilitaram o crescimento de uma classe média, não nobre, mas que foi capaz de articular formações de Estados Nacionais e se colocar em uma nova economia mercantil.

Para que se estabelecesse a nova mentalidade crescente, foi necessário desvincular-se da Igreja Católica, que condenava o lucro. A reforma protestante foi chave para este processo, visto que a nova ética permitia tal prática, sendo que em nações como a Inglaterra o rei era o próprio mestre religioso.

Analisando a Itália, agora, reparamos que a força da Igreja na península seguiu os movimentos que surgiam pela Europa, porém outro se iniciou dentro da própria região: o renascimento. A burguesia encontrou na mudança cultural a afirmação que precisava, retomando ideais esquecidos no último milênio como o antropocentrismo e a razão, por meio do mecenato. Desta forma, recuperaram-se valores clássicos que causaram o desenvolvimento intelectual e entraram em choque com os valores medievais, enfraquecendo o poder religioso.

O Príncipe - Niccolò Machiavelli

1. Introdução

Eis que temos o amanhecer de uma nova era no coração do Mediterrâneo, o intermédio entre a dita “idade das trevas” e o surgimento da modernidade, um intervalo este de dois séculos, nascido da devastação da morte negra, moldado por poderosas famílias e disseminado Europa adentro. Porém, pondo aforismos de lado, a Renascença tal qual conhecemos, foi feita

por poucos e para poucos, não houve grande evento ou episódio, não houve bastilha ou muro demolido, nem mesmo conquistas homéricas, houve porém o enriquecimento e o dispêndio do metal de uma forma bastante particular.

Também seria errôneo apontar que o berço da Renascença se deu na nossa atual concepção de Itália, pois não havia tal nação, de fato ocorrera na península, mas esta fragmentada em diversas cidades-estados que eram alimentadas pelas riquezas que chegavam aos seus portos. Foi no seio florentino das especiarias e novas ideias que nutriu-se o que se tornaria o maior exemplo do espírito renascentista, de singelos mercadores, à banqueiros, ao papado, nobreza e patronos da beleza e conhecimento, foram estes os Médicis, clã do nosso príncipe, Lourenço II de Médici, tal qual Maquiavel dedicaria o seu livro, como um manual, um compêndio de conselhos.

2. Virtú

E qual seria a natureza destes conselhos? Creio que podemos ilustrá-los com dois exemplos: Girolamo Savonarola e Cesare Borgia.

O primeiro, um pregador dominicano, idealista e fervoroso nos conceitos cristãos, por um breve período chegou ao poder de Florença, denominava a cidade como a “nova Jerusalém”, a cidade de Deus na terra, lutava contra os excessos e tiranismo dos Médicis, surpreendentemente conseguiu liderar a cidade de forma pacífica e democrática. Porém, na visão de Maquiavel, obviamente não havia possibilidade deste governo durar, porque?

O argumento se dá de tal forma: estes princípios que fundamentaram a benevolência de Savonarola nascem de uma raiz de fraqueza, a própria ideia de bondade cristã é incompatível com os atributos necessários do “bom” príncipe. De fato, aos poucos o frei causou desconforto ao papa regente Alexandre, que mandou capturar, torturar, enforcar e incinerar o corpo do bom cristão.

Surpreende porém o fato de que, há quem pense que tal ato revoltaria a população, ora, Girolamo fora um bom governante não é mesmo? Paradoxalmente os relatos contam uma outra história, o povo vibrava enquanto o corpo era tomado por chamas na praça central, a animosidade da multidão era dotada de um senso de vingança, como se fosse um terrível tirano que virava cinzas. E este, segundo Maquiavel, é o destino das boas almas na política.

E quanto ao nosso segundo exemplo? Cesare Borgia ao capturar a cidade de Cesena ordenou um de seus mercenários, Ramiro d'Orco, a estabelecer ordem a região, seu método envolveu: decapitação de homens em frente a suas esposas e filhos, propriedades foram tomadas, traidores castrados, etc. Após tais brutalidades, o veredito de Cesare foi simples mas eficaz, Ramiro foi serrado ao meio e colocado na praça central, desta forma, a população entenderia quem realmente era o chefe. Quais seriam então os próximos passos de Cesare?

Diminuição de impostos, importação de grãos, construiu um teatro e organizou vários festivais, e sim, isso tudo foi o suficiente para a população esquecer quem fora o monstro que dizimou de forma brutal centenas de seus vizinhos, amigos e parentes.

“As injúrias devem ser feitas todas de uma só vez, a fim de que, saboreando-as menos, ofendam menos: e os benefícios devem ser feitos pouco a pouco, a fim de que sejam mais bem saboreados.”

3. Paradoxo da “Virtude Criminosa”

O que então Maquiavel endossava? Fora sua filosofia toda criada com o intuito de formar tiranos? O leitor desatento pode muito bem formar uma análise embasada na infâmia de seu autor, ora, maquiavelismo é atributo dos repulsivos, mentes pervertidas, arditos e desonestos. Pois é de fato?

Longe disso, O Príncipe de forma alguma é uma guia prática para o vilanismo, considere o seguinte: Quando pensamos em virtude, o simulacro da bondade humana, a mais pura encarnação do “bonzinho”, quem vem em mente?

Eis o bom homem da Galiléia, o qual a todos tratou tão bem, rei dos reis e senhor de toda a eternidade, sobre tua sombra a civilização ocidental foi moldada e teus atos inspiraram gerações de boas pessoas. Porém, Maquiavel aponta um detalhe um tanto quanto inconveniente.

Jesus não teve de forma alguma uma boa vida, muito pelo contrário, podemos afirmar que seus 33 anos de existência foram sucessões de desastres. Espancado, humilhado, alvo de troças e condenado a ser pendurado até a morte. Imaginemos Jesus nos dias de hoje - fora dos seus contextos históricos e religiosos - este grande homem seria somente mais um perdedor.

Para Maquiavel uma coisa era clara: pessoas boas não vão longe e os maldosos tendem ganhar, e isto ocorre pelo triste fato de que tais seres não são limitados por amarras morais que os bons carregam, estão dispostos a usar de todos artifícios, por mais sombrios e tóxicos, para alcançar os seus objetivos.

Foi na observação histórica de Florença que Maquiavel chegou a esta conclusão: bons príncipes, governantes e mercadores são destinados ao desastre. E por este motivo que ele escreve então o seu livro mais famoso, não para ensinar truques para psicopatas e tiranos, pois os mesmos não precisam disso.

O Príncipe ensina boas pessoas a como emprestar os métodos do vil e aplicá-los quando necessário, para que desta forma, o bondoso não caia em ruína e seja eficiente em suas ações. Um pode ser virtuoso no sentido amplo da palavra, mas não deve devotar sua vida em sempre agir de forma correta.

Haverá necessidade de, uma hora ou outra, usufruir e aplicar da virtude criminosa tão bem representada nos Cesare Borgias do mundo, personagens estes que, convenhamos, são tão bem manifestados no nosso cenário político e empresarial. Acredito que cada um aqui presente consiga pensar em pelo menos uma mão cheia de nomes.

4. A Obra e o Príncipe.

Não é de se assustar que mesmo na época de publicação do livro (cinco anos após a morte de Maquiavel) o povo considerou ultrajante o conteúdo do mesmo, o papado considerou-o como uma afronta direta aos valores cristãos, os governantes o ignoraram, e quanto ao nosso príncipe Lorenzo?

Relatos contam que este nunca leu o livro que o foi dedicado, morreu com 26 anos de sífilis, de nada realizou, vivendo as sombras do legado que seus antepassados criaram, seu nome em alusão ao seu avô, Lorenzo o Magnífico, podia muito bem se perder nos livros históricos se não fosse ele o precursor da decadência da família Médici.

De qualquer forma é nesta obra que, segundo o filósofo Leo Strauss, temos o início do pensamento filosófico moderno, mais de um século antes de outros tão grandes nomes que todos adoram odiar, como Hobbes e Locke, que juntos a Maquiavel, pecam somente no excesso de sinceridade.

5. Temido ou Amado?

Das máximas maquiavelianas mais conhecidas talvez a seguinte seja a mais recitada:

“Mais vale ser temido do que amado.”

Das máximas maquiavelianas esta é a de longe mais citada de forma errônea, tirada fora de contexto temos um terrível conselho, algo que somente alguém imerso em profundo cinismo poderia proferir. Na realidade temos algo muito mais sensato:

“Vale mais ser amado ou temido?”

O ideal é ser as duas coisas, mas como é difícil reunir as duas coisas, é muito mais seguro - quando uma delas tiver que faltar - ser temido do que amado(...)

Os homens têm menos escrúpulos em ofender quem se faz amar do que quem se faz temer, pois o amor é mantido por vínculos de gratidão que se rompem quando deixam de ser necessários, já que os homens são egoístas; mas o temor é mantido pelo medo do castigo, que nunca falha.”

Isto não é uma afirmação simples, nem de ser escrita ou engolida, nasce de uma análise profunda e realista das condições humanas, talvez exista um teor de dureza na obra de Maquiavel, mas inocente é quem acredita o mundo ser um antro de bondade.

Sejamos bons, não há vergonha nisso, porém não tolos, se for necessário estender a mão ao próximo, pois bem faça-o, tenha compaixão, porém se for necessário atacar, persuadir, mentir, seduzir, por uma boa causa, não deixe-o de fazer. Não é necessário se tornar um monstro, mas entender que eles existem e como agem podem te salvar de um futuro desastroso.

Influencia das ideias de Maquiavel na contemporaneidade

Por mais que sua principal obra, “O Príncipe”, tenha sido baseada em sistemas políticos autoritários e não republicanos, as ideias lá expostas por Maquiavel ainda encontram lugar nos modelos políticos do dia de hoje e ajudam a moldar fatores importantíssimos para os governos de sucesso.

Um exemplo de ideal lá presente que se faz importante nos modelos atuais é o conceito de virtú, usado por ele para descrever o conjunto de qualidades necessárias a um governante para que obtenha sucesso, sendo este ideal ainda valioso nos dias de hoje, para basear nos quanto a quais as características devemos buscar para que tenhamos verdadeiros líderes em nosso governo.

Também se retira de seu livro a ideia de um poder central, ou estado central, fator importante para o bom andamento da conjuntura política e segurança da população, ideia esta que mesmo sendo aplicada de diferentes formas no tempo que foi escrita, através da centralização do poder nas mãos de um soberano, e no período contemporâneo, onde é feita por meio de um governo central eleito, ainda mantém sua essência e seu valor.

Portanto, pode concluir-se que mesmo tendo vivido em um período onde as formas de governo eram diferentes das atuais, muitos ideais que Maquiavel apresenta ainda mantem seu valor e são validos nas formas de governo atuais, podendo seu livro “O Príncipe” ainda ser utilizado como base para as praticas políticas.

Outras Obras

Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio

Nicolau estimula o debate sobre o conceito de liberdade e virtude cívica. Segundo Maquiavel, há uma necessidade de confiar ao povo a preservação da liberdade para garantir a participação deste na vida pública. Para que o povo funcione como guardião de seu território, o julgamento de uma cidade, em última instância, deve ser do próprio povo. É necessário ter sempre muitos juízes, pois poucos juízes tendem a julgar a favor da minoria. Não há cidade forte sem povo, mas também não há cidade livre sem participação da maioria na vida política da cidade. Maquiavel, contudo, ressalva que a participação popular traz consequências. Levar o público a intenções e desejos que não são consensuais (como acontece na maior parte das vezes) pode resultar em conflitos políticos. Uma das maiores contribuições de Maquiavel às formulações de teóricos posteriores foi a intensa participação do

povo nos negócios da cidade. Nicolau se destacou por refletir a respeito dos possíveis choques que essa participação poderia causar, diferentemente dos humanistas cívicos que haviam elaborado suas teses até então. São ideias novas como essa que fazem Maquiavel se destacar tanto como político revolucionário.

Podemos resumir a ideia da obra **Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio** destacando que Maquiavel se compara aos grandes navegadores, afirmando estar consciente dos riscos que estaria correndo ao percorrer novos caminhos na esfera do pensamento político.

A arte da guerra

Foi escrito entre 1519 e 1520, num período em que a Itália necessitava de um forte líder militar e político que conseguisse criar um Estado unificado no norte do país, para eliminar as forças estrangeiras do território italiano. Maquiavel institui conceitos novos, que até então não existiam na guerra medieval, como a organização do exército, a hierarquia de comando, a formação de soldados, o Estado-Maior e os códigos de leis militares. A seguinte frase ilustra bem o princípio do livro: “*minha intenção decerto não foi mostrar-vos como a antiga milícia era organizada, mas como em nossos dias se poderia ordenar uma milícia com mais virtù do que as de hoje*”.

Virtù foi um conceito introduzido por Maquiavel que retratava a importância de os soldados serem nacionalistas e não mercenários.

A preocupação de Nicolau Maquiavel sobre as invasões estrangeiras é reiterada diversas vezes em sua obra. O escritor defende sua posição: “ *julgando eu, pelo que vi e li, que não é impossível reconduzi-la aos antigos modos e desenvolver-lhe alguma forma da antiga virtù, deliberei, para não passar este meu tempo de ócio sem fazer coisa alguma, escrever o que entendo sobre a arte da guerra, para satisfação dos amantes das antigas ações*”.

Nicolau afirma que o poder só se mantém com um Estado armado, apresentando a arte de manter-se no poder por meio de embates militares. A análise parte da organização militar das forças romanas, suíças, francesas e alemãs. Ele mostra o que seria um exército ideal, descrevendo detalhadamente regras e organizações de batalha.

Outras ideias

Virtù e fortuna

Os conceitos de *virtù* e *fortuna* são empregados várias vezes por Maquiavel em suas obras. Para ele, a *virtù* seria a capacidade de adaptação aos acontecimentos políticos que levaria à permanência no poder. A *virtù* seria como uma barragem que deteria os desígnios do destino. Mas segundo o autor, em geral, os seres humanos tendem a manter a mesma conduta quando esta frutifica e assim acabam perdendo o poder quando a situação muda.

A ideia de *fortuna* em Maquiavel vem da deusa romana da sorte e representa as coisas inevitáveis que acontecem aos seres humanos. Não se pode saber a quem ela vai fazer bens ou males e ela pode tanto levar alguém ao poder como tirá-lo de lá, embora não se manifeste apenas na política. Como sua vontade é desconhecida, não se pode afirmar que ela nunca lhe favorecerá.

Historia

Maquiavel escreve história mais como pensador político do que como historiador. Assim ele não se preocupa tanto com a referência precisa de afirmações contidas nas suas obras, ainda que tenha ido aos arquivos de Florença - prática incomum na época - e deixa transparecer nas suas obras históricas a defesa de algumas das suas ideias através da narração dos fatos históricos. Ele também acredita que a história se repete, tornando a sua escrita

útil como exemplo para que os homens, tentados a agir sempre da mesma maneira, evitassem cometer os mesmos erros.

Assim, enquanto alguns dos seus biógrafos atribuem-lhe os fundamentos da escrita moderna da história, outros admitem que ele não possuía uma visão crítica o suficiente para poder separar os fatos históricos dos mitos e aceitou como verdade, por exemplo, a fundação mitológica de Roma. Outros, ainda, atribuem-lhe uma "concepção dogmática e ingênua da história".

Ética

A ética em Maquiavel se contrapõe à ética cristã herdada por ele da Idade Média. Para a ética cristã, as atitudes dos governantes e os Estados em si estavam subordinados a uma lei superior e a vida humana destinava-se à salvação da alma. Com Maquiavel a finalidade das ações dos governantes passa a ser a manutenção da pátria e o bem geral da comunidade, não o próprio, de forma que uma atitude não pode ser chamada de boa ou má a não ser sob uma perspectiva histórica.

Reside aí um ponto de crítica ao pensamento maquiavélico, pois com essa justificativa, o Estado pode praticar todo tipo de violência, seja aos seus cidadãos, seja a outros Estados. Ao mesmo tempo, o julgamento posterior de uma atitude que parecia boa, pode mostrá-la má.

Natureza humana

“ *Mesmo as leis mais bem ordenadas são impotentes diante dos costumes (...)* ”

Para ele, a natureza humana seria essencialmente má e os seres humanos querem obter os máximos ganhos a partir do menor esforço, apenas fazendo o bem quando forçados a isso. A natureza humana também não se alteraria ao longo da história fazendo com que seus contemporâneos agissem da mesma maneira que os antigos romanos e que a história dessa e de outras

civilizações servissem de exemplo. Falta-lhe um senso das mudanças históricas.

Como consequência, acha inútil imaginar estados utópicos, visto que nunca antes postos em prática e prefere pensar no real. Sem querer com isso dizer que os seres humanos ajam sempre de forma má, pois isso causaria o fim da sociedade, baseada em um acordo entre os cidadãos. Ele quer dizer que o governante não pode esperar o melhor dos homens ou que estes ajam segundo o que se espera deles.

Bibliografia

<http://www.nicolaumaquiavel.com.br>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Nicolau_Maquiavel

<https://pensandodireito.wordpress.com/2007/08/22/maquiavel-e-a-politica-atual/>

Maquiavelli, Niccolò – O príncipe